

CIBERSEXO

Trabalho realizado no âmbito da unidade curricular "Psicologia da Sexualidade"

2007

Débora Regadas
Instituto Superior Miguel Torga, Portugal

Email:
regadas.d@gmail.com

RESUMO

Actualmente, a *Internet* constitui o mais poderoso de todos os meios de comunicação, tornando todos os restantes claramente redutores. Não obstante, a enorme multiplicidade que a *Internet* disponibiliza não se prende apenas com a informação que nos faculta, já que pode também constituir um instrumento de trabalho, de procura e/ou estabelecimento de relações interpessoais.

Deste modo, o presente trabalho pretende enunciar as noções básicas sobre o que constitui a *Internet*, focalizando-se, *a posteriori*, nas questões relacionadas com o factor já referido – procura e/ou estabelecimento de relações interpessoais –, nomeadamente no que se convencionou chamar de Cibersexo, tentando expor essencialmente os determinantes, as implicações e os estudos já realizados sobre este tema.

Em conclusão, será feita uma breve reflexão acerca de Cibersexo, tema este que é, cada vez mais, objecto de análise no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Cibersexo, sexo online, Internet, sexualidade

1. NOÇÕES GERAIS DE INTERNET

A *Internet*, actualmente considerada “um poderoso meio de comunicação com fortes implicações no relacionamento interpessoal” (Carvalho & Gomes, 2003, p. 43), teve a sua origem na rede militar norte-americana ARPANET (Silva, 2003), e representa, além de uma

coleção de redes de computadores interconectada (Michael, McGrath & Casey, 2002), um manancial quase ilimitado de informação. Por esta razão, “a importância que as redes de informação suscitam na sociedade actual, oferece não só um poderoso instrumento de consulta de informação (...), mas também uma nova ferramenta para o desenvolvimento de trabalho corporativo, para a troca de ideias e (...) afectividades” (Silva, 2003, p. 61), podendo até afectar muitos aspectos da nossa vida. Por conseguinte, a *Internet* que começou por se “apresentar como uma base de dados onde era possível encontrar qualquer tipo de informação, depressa evoluiu para um meio de partilha de ideias, gostos ou ideias comuns (...), [revelando ser] um espelho de todas as interacções sociais (...) [que derruba] distâncias, [e que] oferece a partilha de culturas e ideias num conjunto de sociedades tão heterogéneas” (Silva, 2003, p. 62-63). A análise da *Internet* não deverá, pois, descurar o plano afectivo, já que veio minimizar o carácter individualista, atribuído com assiduidade aos computadores. No entanto, é necessário prestar atenção a possíveis efeitos invasivos aos direitos à privacidade e cidadania, pelo que todos devemos estar especialmente alertados para a existência de material violento, ilegal, ou, entre outras, para a possibilidade de utilização abusiva de informação pessoal alheia (Silva, 2003).

Cooper (2002) refere que o potencial atractivo da *Internet* é ser possuidora do *triple “A” engine*: *Proporcionalidade* (baixos custos implicados), *Acesso* (facilidade de acesso) e *Anonimato* (obscuridade dos utilizadores), sendo estes últimos dois factores determinantes do potencial da *Internet* para a actividade sexual (Carvalheira & Gomes, 2003; Daneback, Cooper & Månsson, 2005), e acrescenta que “a influência da *Internet* na sexualidade (...) começa a ser reconhecida como a causa da próxima revolução sexual” (Cooper *et al.*, 2000, *cit in* Carvalheira & Gomes, 2003).

Para concluir, podem enumerar-se alguns programas que permitem aos utilizadores o uso da *Internet* de diferentes formas, pelo seu carácter de anonimato e segurança, nomeadamente: *e-mails*, fóruns, salas de conversação (*chats*), como *Messenger*, *ICQ*, e *World Wide Web* (*www*), como *Napster*, *Freenet* e *Hotline* (Michael, McGrath & Casey, 2002).

2. NOÇÃO, ASPECTOS E CONTEXTOS DO CIBERSEXO

O Cibersexo define-se como uma relação ou envolvimento mantido com alguém, que podem ser duas ou mais pessoas, numa actividade sexual *online* (ASO), que pode ser suportada pela comunicação escrita, pela utilização de telemóvel ou ainda *hardware* informático que permite a audição e/ou visualização do(s) outro(s), como é o caso das *web cameras*, com intento de excitação sexual, que pode incluir ou não a masturbação. (Carvalheira & Gomes, 2002; Carvalheira & Gomes 2003; Daneback, Cooper & Månsson, 2005). Cooper (2002) acrescenta que o Cibersexo representa então uma subcategoria da ASO, que cinge o uso de conteúdos computadorizados para estimulação e gratificação sexual: procura de fotos ou filmes dirigidos a

adultos, participação em *chats* ou troca de *e-mails* sexualmente explícitos e partilha de fantasias sexuais guarnecidas de masturbação (Carvalheira & Gomes, 2002, 2003; Daneback, Cooper & Månsson, 2005). A ASO é o uso da *Internet* para qualquer actividade, seja texto, áudio ou gráfica, que envolva a sexualidade, pelo que inclui lazer, entretenimento, pesquisa, informação relativa a dúvidas ou preocupações sexuais, educação, aquisição ou partilha de materiais de conteúdo sexual explícito ou erótico, procura de parceiros sexuais, excitação sexual (Carvalheira & Gomes, 2003; Daneback, Cooper & Månsson, 2005).

Embora ambos os sexos sejam utilizadores de Cibersexo, foi descoberto que as mulheres tendem a interessar-se mais pelas actividades sexuais *online* interactivas, enquanto os homens se orientam mais para os aspectos visuais (Cooper, *et tal.*, 2003, *cit in* Daneback, Cooper & Månsson, 2005).

Esta forma de ter relações sexuais virtuais possibilita quer a exploração relativamente à sexualidade individual de cada um, quer a tentativa de conhecer algo novo que ainda não tentaram ou que não têm intenção de tentar em relações reais. Por outro lado, pode ser entendida como uma partilha de fantasias sexuais secretas ou uma recriação interactiva de um romance sexual, mas também como uma forma de usufruir de diferentes regras ou diferentes papéis (Daneback, Cooper & Månsson, 2005). Cibersexo pode ser usado como um complemento para uma relação amorosa já existente, como uma forma de efectuar experiências com a sexualidade ou ainda uma alternativa para grupos minoritários (Leiblum, 2001; Leiblum & Döring, 2002; Tepper & Owens, 2002, *cit in* Daneback, Cooper & Månsson, 2005). Por outro lado, pode ainda ser um fim em si mesmo ou servir como um primeiro passo para um encontro em tempo real (Barak & Fisher, 2002; Månsson *et tal.*, 2003, *cit in* Daneback, Cooper & Månsson, 2005).

Assim, pode dizer-se que a grande novidade do Cibersexo é, pois, a ausência do corpo: existe o sensorial, auferido pelos corpos, mas também o imaginário, estando assim presentes as componentes fundamentais dum encontro erótico. A novidade reside na impossibilidade desses corpos se poderem tocar, sendo o contacto apenas exequível no imaginário dos protagonistas da interacção (Carvalheira & Gomes, 2003).

Não obstante, o Cibersexo acarreta, de igual forma, um reverso da moeda, já que envoltimentos desta natureza consomem, com frequência, muito tempo. Para algumas pessoas, a vida em frente ao ecrã pode passar a ser um sucedâneo às actividades mantidas pela vida *offline*, conduzindo ao isolamento, a negligências laborais ou a outras obrigações morais (Turkle, 1995, *cit in* Daneback, Cooper & Månsson, 2005). Utilizar a *Internet* para Cibersexo, quando já existe uma relação amorosa, pode prejudicar um ou ambos os parceiros, sexual e emocionalmente. Alguns autores referem o Cibersexo como sinónimo de infidelidade (Schneider, 2000, 2002; Whitty, 2003, *cit in* Daneback, Cooper & Månsson, 2005). Em alguns casos, *affairs online* podem conduzir a *affairs offline*, potenciando danos para as famílias ou para as relações amorosas, mas também aumentar o risco da transmissão de doenças sexualmente transmissíveis

(DST's). Além disso, a *Internet* não verifica idades, pelo que os menores podem indubitavelmente envolver-se em situações sexuais inapropriadas (Freeman-Longo, 2000, *cit in* Daneback, Cooper & Månsson, 2005; Michael, McGrath & Casey, 2002).

Sob um prisma clínico, Leiblum (1997) examina que “os problemas relativos ao Cibersexo se observam em três categorias: a nível individual, constituindo um escape ou distração de uma vida pouco satisfatória (...); no casal, quando um dos elementos se envolve nesta prática que o outro considera inaceitável; e, [por fim,] a existência de um foco parafilico, para o qual o indivíduo encontra total gratificação sexual na actividade sexual *online*, com carácter obsessivo e de dependência” (Carvalheira & Gomes, 2003, p. 316).

A *Internet* permite também condutas e actividades ilegais, criando oportunidades criminais, nomeadamente o caso de predadores sexuais e perseguições obsessivas. O mundo da *Internet* possibilita uma panóplia de oportunidades para estes indivíduos, que podem ir desde a monitorização das vítimas quando estas são escolhidas, que vai desde o registo de todas as suas actividades, principalmente quando estão *online* (através de um vírus designado de Cavalo de Tróia), até à própria perseguição real das vítimas, ou à realização de fantasias *vouyeristas* e sensação de poder sobre estas (Michael, McGrath & Casey, 2002).

3. ESTUDOS RECENTES

São vários os autores que já se dedicaram a este assunto. No entanto, só serão descritos os mais recentes, pela sua realização relevante e temporal.

Assim, Wysocki (1998) num estudo sobre sexo *online* revelou, essencialmente, que o anonimato representa a grande atracção, pela possibilidade de serem mais abertos e directos na ausência da interacção face-a-face, sendo que os resultados destas análises aludem ao facto de que os indivíduos conseguem conhecer-se melhor e de modo célere, com base em particulares diferentes das relações face-a-face (Michael, McGrath & Casey, 2002; Carvalheira & Gomes, 2003).

Já o estudo de Al Cooper *et tal.* (2002) revelou que tanto os homens quanto as mulheres participam em Cibersexo em similar extensão. No entanto, o interesse masculino tende a diminuir com a idade, enquanto na mulher este se mantém constante ao longo do tempo, uma vez que as mulheres se envolvem mais na ASO por razões de educação, socialização, obtenção de suporte para preocupações sexuais e compra de materiais sexualmente explícitos, enquanto os homens mais por razões de distração, formas de lidar com o stress e procura de parceiros para encontros sexuais (Carvalheira & Gomes, 2003; Daneback, Cooper & Månsson, 2005). Relativamente à orientação sexual dos intervenientes, os homossexuais são os que mais tempo perdem em cibersexo, se comparados com os heterossexuais (Daneback, Cooper & Månsson,

2005). Esta razão pode dever-se à liberdade que este grupo sente ao exprimir-se em salas de conversação, porque não sofrem qualquer tipo de discriminação ou censura social, assim como à facilidade que têm em encontrar um parceiro para uma relação *offline* (Daneback, Cooper & Månsson, 2005). Para finalizar, estes autores concluíram que o Cibersexo não é primariamente uma actividade para solteiros, já que se detectou que os que mais participam em Cibersexo são aqueles que maior número de parceiros *offline* têm (Daneback, Cooper & Månsson, 2005). Em termos de tempo *online*, os indivíduos que se envolvem em cibersexo despendem mais tempo em actividades sexuais *online*, se comparados com o grupo de indivíduos que não se envolvem na mesma situação (Daneback, Cooper & Månsson, 2005).

O estudo realizado em Portugal, em 2002, revelou uma predominante participação masculina no Cibersexo, sobretudo no grupo etário entre os 15 e os 24 anos. Quanto ao tempo gasto, verificou-se a existência de indivíduos para os quais o Cibersexo é uma actividade central nas suas vidas. Outro aspecto é a questão do anonimato: para sujeitos com dificuldades no relacionamento interpessoal e poucas aptidões sociais, favorece a expressão de desejos e fantasias que não são vivenciados de outras formas (Carvalheira & Gomes, 2003). Por fim, a análise da informação recolhida é sugestiva relativamente à existência de duas tendências, com objectivos diferentes, neste tipo de actividade sexual: “os que utilizam a ASO como rápido ponto de partida para o real, para os quais os *chats* representam uma transição para o encontro *offline*” e “os indivíduos que têm como objectivo único e primordial a ASO, sem qualquer interesse no posterior encontro real” (Carvalheira & Gomes, 2003, p. 43).

CONCLUSÃO

Ainda que este tema seja hoje considerado como muito actual na sociedade moderna, tornando-se um verdadeiro fenómeno de interacção social ou de mudança de comportamentos sociais em geral, a verdade é que poucos são os estudos ainda realizados. No entanto, esta matéria tem suscitado interesse recente nos investigadores, pelas consequências e implicações que este fenómeno tem ao nível intra e interpessoal.

Assim, a *Internet* pode ser vista sob duas diferentes perspectivas: como um mundo ilimitado pela sua acessibilidade, oportunidade e baixo custo, facilitando, pois, a descoberta e a manipulação de informação, e as interacções relacionais, onde podemos encontrar a actividade sexual *online* como um veículo de liberdade para a troca de opiniões, de ideias, de fantasias, de desejos, etc; ou, de acordo com os resultados de estudos já realizados, como um meio para verificar que as actividades sexuais *online* podem constituir uma nova forma de expor a própria sexualidade individual de modo extremo, podendo conduzir a uma total dependência, por esta se tornar a única forma de os indivíduos obterem prazer.

É inegável o valor reconhecido à *Internet*, nomeadamente, no que diz respeito à sua facilidade de utilização, e ao anonimato das interações que ela proporciona, permitindo a partilha de crenças pessoais, preferências, ideologias, aspectos emocionais, etc. No ambiente *online* não são necessários requisitos prévios do mundo *offline*, como a aparência física, indícios de vergonha ou ansiedade social, estigmatização, etc.

Por outro lado, o mundo da *Internet* revela ser um mundo perigoso, onde predadores sexuais e perseguidores obsessivos “coabitam” virtualmente, e onde abundam fóruns, sites, salas de conversação dedicados a temas como abuso sexual, pedofilia, invasão da privacidade alheia, pornografia, temáticas sexuais como BDSM, Swing, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalheira, A. A., & Allen Gomes, F. (2002). Sexo online em Portugal – uma investigação sobre comportamentos sexuais em chats portugueses. *Psiquiatria clínica*, 2 (1), pp. 43-50.

Carvalheira, A. A., & Allen Gomes, F. (2003). Sexo online em Portugal – uma investigação sobre comportamentos sexuais em chats portugueses. In Fonseca, L., Soares, C., & Machado Vaz, J. (Coord.). *A sexologia multidisciplinar II*, pp. 316-335.

Daneback, K., Cooper, A., & Månsson, S.-A. (2005). An internet study of cybersex participants. *Archives of Sexual Behavior*, 34 (3), pp. 321-328.

Michael, G., McGrath, MD., & Cassey, E. (2002). Forensic psychiatry and the internet: practical perspectives on sexual predators and obsessional haressers in cyberspace. *The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 30, pp. 81-94.

Silva, S. J. (2003). Sexualidade na internet. In Sá, E. (Coord.), *Quero-te! Psicologia da Sexualidade*, pp. 61-64. Coimbra: Quarteto Editora.